



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

INGRYDI CRISTINA BATISTA MARQUES

CLEÓPATRA: REVISTA DIGITAL FEMININA

**GOIÂNIA
2023**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

CLEÓPATRA: REVISTA DIGITAL FEMININA

Projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Comunicação Social Habilitação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás orientado pelo Prof. Me. Antônio Carlos Borges Cunha.

GOIÂNIA
2023

INGRYDI CRISTINA BATISTA MARQUES

CLEÓPATRA: REVISTA DIGITAL FEMININA

Projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Comunicação Social Habilitação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás orientado pelo Prof. Me. Antônio Carlos Borges Cunha.

Data de defesa: 20 de junho de 2023.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Antônio Carlos Borges Cunha

Profa. Ma. Gabriella Luccianni M. S. Calça

Prof. Dr. Pedro Antônio Chagas Cáceres

Dedico esse trabalho à minha mãe, que está realizando o sonho de formar mais uma filha. Mesmo em meio a muitas dificuldades e interrupções, estou conseguindo terminar o curso com excelência graças ao seu apoio financeiro, emocional e afetivo. Se não fosse ela eu também não teria a base principal para chegar onde cheguei hoje e ser uma pessoa de princípios e ideais que eu honro muito. Dedico esse trabalho à minha irmã, que foi uma grande inspiração para que eu entrasse na comunicação. Publicitária e irmã mais velha, ela sempre me ensinou a não me contentar com o pouco. Ela me ajudou a formar em minha mente a ideia de que não devemos entregar algo que não seja o melhor que podemos fazer dentro das nossas possibilidades. Criada por duas mulheres incríveis, pude encontrar inspiração para falar de várias outras que também são mães, irmãs e filhas de alguém. Viver uma vida inteira em uma casa só com mulheres me ensinou a honrar a nossa existência. Dedico esse trabalho à minha vó, uma das mulheres mais fortes da minha família e grande fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Professor Mestre Antônio Carlos Borges Cunha, por sua brilhante dedicação ao meu projeto. Desde o início, suas orientações me proporcionaram calma e serenidade para lidar com todas as questões envolvidas no trabalho. Muitas vezes, minha ansiedade me dominava e tornava tudo mais difícil, e em diversos momentos senti vontade de desistir. No entanto, ele acreditou em meu projeto como ninguém, nunca permitindo que minha saúde emocional se desgastasse. Pelo contrário, ele sempre me respeitou e me deu autonomia para tornar *Cleópatra* a melhor versão possível, oferecendo suporte quando necessário e ajudando a transformar minhas ideias em realidade. Serei grata pelo resto da minha vida por ter tornado todo o processo mais leve e tranquilo. Sou grata também aos professores da universidade, cujos ensinamentos levo comigo e que se refletem em meu trabalho, transformando seus esforços em belos resultados. Tenho fé de que no futuro conquistarei ainda mais. Pretendo continuar a revista e torná-la uma fonte de informação e inspiração para muitas mulheres.

Gostaria de agradecer especialmente à minha mãe, Cleusa Fátima Batista, que nunca duvidou do meu potencial e esteve ao meu lado até o fim. Graças a ela e à prioridade que ela deu à minha educação, estou me formando em uma universidade de alta qualidade, concluindo um projeto incrível e sabendo que todo o meu conhecimento servirá para ajudar as pessoas em um futuro próximo. Além de todo o apoio financeiro, afetivo e emocional que ela me proporcionou. Sou grata à minha irmã mais velha, Isabel Cristina B. Aires, que nunca se recusou a me dar carona para a faculdade, ajudou-me em diversos trabalhos acadêmicos, compartilhou sua experiência para que eu pudesse entender melhor o mercado e me deu a oportunidade de mostrar meu talento em uma empresa de comunicação. Sou grata também à minha namorada, Ellen Agostinho de Andrade, por ser uma mulher maravilhosa que todos os dias me incentiva, afirmando que sou capaz de fazer qualquer coisa. Ela tornou os meus finais de semana mais leves após semanas intensas de produção, deu-me ideias valiosas sobre como alcançar uma das fontes mais importantes da minha revista (Anastasia Sokolova) e ofereceu todo o amor necessário quando tive crises ou medos relacionados à conclusão do projeto. Agradeço a todas as minhas fontes, que foram extremamente prestativas e responderam às minhas perguntas de forma incrível. Também sou grata pelo carinho de duas jornalistas que admiro muito: Jyeniffer Taveira e Janaína de Oliveira. Foi extremamente gratificante tê-las envolvidas em meu trabalho, são pessoas e profissionais pelas quais tenho muito orgulho e apreço.

Pés, para que os quero, se tenho asas para voar?

Frida Kahlo

RESUMO:

A revista, produto desse trabalho, *Cleópatra*, é um veículo informativo que visa abordar diversos temas de interesse do público feminino, buscando alicerçar sua relação com a autoconfiança. Editorialmente, pretende abordar educação, direitos das mulheres, impactos e representatividade em suas carreiras, questões de gênero, de orientação sexual, etnia, raça, dentre outras. O veículo traz gêneros jornalísticos como: reportagens, entrevistas, perfil e artigo de opinião. A revista possui uma linha editorial feminista, e tem a intenção de trazer discussões que buscam mudanças sociais, principalmente relacionadas ao gênero feminino. Fazer essa reflexão é um dos resultados esperados por esse produto.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo, auto estima, mulheres, gênero, educação.

ABSTRACT:

The magazine, *Cleópatra*, a product of this work, is an informative vehicle that aims to talk about varied themes with feminine interests, seeking to consolidate this with self confidence. Editorially, it intends to approach subjects like education, woman rights, representativeness and impacts in their carrers, gender issues, sexual orientation, ethnicity, race, and others. The vehicle brings journalistic genres like: reports, interviews, profile story and opinion article. The magazine has a feminist editorial. It aims to bring discussions searching for social changes, mainly in those that are related to feminine gender. Make this kind of reflection is one of the results that we expect in this product.

KEYWORDS: feminism, self-esteem, women, gender, education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A REVISTA	12
1.1 . REF. DE ESPECIALIDADES E TEC. DE ENTREVISTAS	14
1.2 . PESQUISAS RELACIONADAS AOS TEMAS.....	15
2. REVISTA CLEÓPATRA – DEFESA DO PRODUTO	19
2.1 . POR QUE O NOME CLEÓPATRA?	19
2.2 . ARQUÉTIPO DA CLEÓPATRA.....	20
MEMORIAL DESCRITIVO	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO.....	29

INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso tem como produto uma revista direcionada ao público feminino. A revista tem o objetivo de trazer temas que falem de maneira direta com a mulher, com informações importantes que auxiliem na sua caminhada dentro de uma sociedade machista e patriarcal. A revista teve como base experiências de vida de diversas mulheres. Além, é claro, de ter se baseado em estudos sobre cada temática abordada e ter procurado nos meios de comunicação pessoas que pudessem introduzir os assuntos de forma didática.

Utilizando como produto que traz histórias reais de vivências distintas dentro do gênero feminino, a revista tem um objetivo para cada tema trabalhado. Ela possui três reportagens : “Educação positiva: é possível educar os nossos filhos sem usar a violência?”, “Mulheres no ambiente de trabalho: os desafios ao enfrentar a misoginia e cuidados com a saúde mental” e “Confiança através de uma barra: o Pole Dance como fonte de empoderamento feminino”. Possui quatro entrevistas pingue pongue: “Quais são os benefícios que a terapia tântrica pode trazer para a mulher?”, “Mulher negra na imprensa: a importância da sua representatividade dentro do jornalismo”, “Como ter uma carreira de sucesso sem chegar à exaustão?” e “Perspectiva de gênero no direito: a importância desse olhar dentro da lei”. Possui um artigo de opinião: “O timbre do desabrochar para a liberdade”, e um perfil: “O sorriso é o maior mestre que um dojo irá conhecer”.

Ao longo da leitura, pode-se observar que todos os temas possuem uma conotação que visa levar a mulher a se sentir mais livre e também acolhida por experiências de suas semelhantes. Na pauta sobre educação positiva, é abordado como a maternidade e a relação que as mães podem ter com os seus filhos podem mudar completamente a forma como uma sociedade é moldada, com pessoas mais justas e respeitadas. Logo, essa é uma forma também de melhorar o futuro das próximas mulheres que irão nascer (e não só delas, porém de todos). A reportagem sobre Pole Dance traz uma perspectiva sobre o esporte que não é muito falada nos meios de comunicação. Sua intenção é mostrar como funciona a prática de maneira real, e como ela tem mudado a vida de muitas mulheres ao redor do mundo. Temos uma celebridade na revista: Anastasia Sokolova, campeã mundial de pole dance.

As entrevistas pingue pongue trouxeram temáticas relacionadas a trabalho e sexualidade. Foi fundamental que se pudesse contar com a opinião de especialistas como uma advogada com especialidade em perspectiva de gênero - Fernanda Romão - e uma psicóloga que trabalha apenas com mulheres – em especial mulheres lésbicas – Angélica Glória. O perfil trata da história de heptacampeã brasileira de kickboxing Patricia Pertence. Ele teve a intenção de contar a trajetória da atleta de forma que inspire outras mulheres que buscam por esse tipo de esporte, e também aquelas que possuem o sonho de empreender mas ainda não encontraram coragem para isso. A revista *Cleópatra* remete ao conhecimento sobre diversos fatos

importantes, além de uma reflexão sobre o que ainda é preciso mudar em nossa sociedade e qual é o peso da educação dentro de tudo isso.

I - A REVISTA

Em *Jornalismo de Revista* (2009), Marília Scalzo, define que “Uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento” (Scalzo, 2009, pg. 11-12). A autora também cita Juan Caño, que define esse produto como uma história de amor, em que o editor deve passar confiança, credibilidade, expectativas, idealizações e muito mais para o leitor. Nesse sentido, vale ressaltar que um dos objetivos principais da revista Cleópatra é trazer essa ideia de acolhimento, credibilidade e confiança principalmente dentro de uma visão social. A leitora que está em busca de ser vista, ouvida e entendida pode se encontrar em uma das matérias que busca levar diversidade e visibilidade para grupos que nem sempre são lembrados em outros veículos. A identificação é o grande forte. “Se o maior compromisso do jornalista é com o leitor, ele precisa preservar sua independência” (Scalzo, 2009, pg. 3).

Em *O Estilo Magazine – O texto em revista* (1996), o pesquisador e jornalista Sergio Vilas Boas, afirma que na revista encontramos criatividade e subjetividade. Revistas por muitas vezes trazem temas que podem ser lidos com calma, sem urgência, por não se tratarem de fatos imediatos que precisam ser noticiados no mesmo dia. Ele menciona também a importância de se manter certa neutralidade na linguagem do produto, mesmo que ele tenha tendência a algum tipo de ideologia ou pensamento. “Dentro do assunto tratado, a reportagem de revista repercute um ponto de vista genérico, que poderíamos chamar de tendência. Mas de forma velada. Exemplo: um texto que apresente um diagnóstico das estatais brasileiras pode conter, nas entrelinhas, um posicionamento (tendência) favorável à privatização. Não quer dizer, necessariamente, que a revista está opinando sobre o factual da reportagem. Significa que o texto pode suscitar - ou mesmo induzir a pensar que o melhor caminho seria vender as ‘paquidérmicas’ estatais” (Vilas Boas, 1996, pg. 41).

O autor aborda o fato de que para se construir uma revista é necessário que haja presença de criatividade e atenção para as mais variadas possibilidades que essa criação jornalística pode alcançar. “Veja tem um estilo diferente de IstoÉ, o que não impede que ambas tenham estilo próprio ou representem o estilo jornalístico. No fim da linha, podemos sugerir, com muito cuidado, que o profissional de revista, repórter ou redator, também possa ter um texto ‘estilizado’. Um estilo que possa combinar a objetividade com a narrativa literária” (Vilas Boas, , 1996, pg. 33). Ele afirma que a capa é como uma embalagem e é vista como uma estratégia importante para a sua comercialização. Logo, um dos pontos principais a serem observados quando o leitor está em busca de algo que se identifique ou tenha curiosidade sobre.

Já sobre o conteúdo, Vilas Boas diz que a alma da revista está na produção de boas

reportagens. Tópicos muito importantes como tonalidade, ponto de vista, angulação, concisão, coerência e clareza são pontuados de forma que o jornalista que esteja produzindo uma revista possa usar a sua criatividade de forma ética, informativa, correta e ao mesmo tempo livre. Além disso, devemos nos atentar aos fatos entrelaçados ao assunto da matéria para que ela não se torne vaga e possa trazer informações completas a respeito do tema. “A matéria que você vai redigir, certamente, está situada em tempo e espaço determinados pela angulação. O seu projeto de texto deve levar em conta os fatores agregados ao fato ou à notícia que originou a matéria. A queda do Muro de Berlim seria menos atraente numa revista que não considerasse o porquê do muro, quando, como e para que dividir a Alemanha em duas” (Vilas Boas, Sergio, 1996, pg. 15).

Marília Scalzo nos esclarece que revistas possuem uma responsabilidade muito grande ao contar os fatos, pois por seu tempo de produção ter sido prolongado, conseqüentemente as notícias e matérias devem ser mais detalhadas e produzidas. A autora realça também que as revistas estão em busca de públicos específicos, diferente dos jornais em sua maioria. Ela fala sobre o fato de esse gênero ser ligado ao entretenimento, a partir do momento que a sua linguagem pode ser mais simples e direta (como quando a mesma chama o leitor de “você”) e os temas serem amplos e diversos, podendo também trazer diversão para o leitor. O foco da revista é o leitor. Apesar de ser um veículo de estilo mais livre, a autora ressalta que é importante que o jornalista tenha cuidado antes de publicar as matérias. “Os grandes princípios que regem o jornalismo em geral são, portanto, os mesmos que devem ser seguidos pelo profissional que deseja trabalhar em revistas” (Scalzo, 2009, pg. 53).

A jornalista explica que entre as revistas, ao contrário dos jornais, a segmentação por assunto e tipo de público faz parte da própria essência do veículo. A especialização jornalística é uma forte característica das revistas, tendo em vista que foi o primeiro fator a caracterizar este tipo de publicação. “As revistas nasceram monotemáticas (tratando de um único assunto por título) e depois passaram a ser multitemáticas” (Scalzo, 2009, pg. 21). A autora explica como podemos abordar muitos temas dentro da especialidade da revista. Aqui reside a proposta da Cleópatra, em trazer assuntos diversos, porém que sejam de interesse a um único público: o feminino. “É preciso falar com menos gente para falar melhor” (Scalzo, 2009, pg. 44).

A especialização é o motivo das revistas. Segundo a autora, a especialização foi criada como uma necessidade humana de discutir de maneira mais profunda alguns temas. “Na televisão, fala-se para um imenso estádio de futebol, onde não se distinguem rostos na multidão; no jornal, fala-se para um grande teatro, mas ainda não se consegue distinguir quem é quem na plateia; já numa revista semanal de informação, o teatro é menor, a plateia é selecionada, você tem uma ideia melhor do grupo, ainda que não consiga identificar um por um. É na revista segmentada, geralmente mensal, que de fato se conhece cada leitor, sabe-se exatamente com quem se está falando” (Scalzo, 2009, pg. 14).

Marília Scalzo menciona que “As revistas vieram para ajudar na complementação da

educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores” (Scalzo, 2009, pg. 14). Ela ressalta também a necessidade de atualização temática da revista.

“A mesma necessidade de rever periodicamente o conteúdo das revistas vale também para o seu projeto gráfico. Redesenhar a revista, ou seja, modificar sua linguagem visual, é tarefa obrigatória de tempos em tempos. É preciso fazer reajustes o tempo todo – e muitas vezes até redesenhar a revista inteira. É sempre o tipo de público, claro, que vai determinar a frequência desses redeseños. É preciso, sempre, acompanhar as tendências – que às vezes são ditadas pela televisão, pelo cinema, pelas artes gráficas em geral. O importante é notar que existem ciclos visuais, e que, usando elementos que estão completamente fora desses ciclos, muitas vezes as revistas podem parecer anacrônicas, fora do compasso de sua época. Todavia, é preciso também tomar cuidado com os modismos. De tempos em tempos, as revistas acabam ficando parecidas demais umas com as outras, porque usam o mesmo tipo de letra, de cor, de fotografia” (Scalzo, 2009, pg. 68-69). Levando em consideração as ponderações da autora, deve-se observar que, como a revista Cleópatra trata de assuntos que estão se desconstruindo com o tempo, as mudanças e adaptações realizadas em seu projeto gráfico devem ser feitas com regularidade.

1.1 Referências de especialidade e técnicas de entrevistas

Em *Entrevista. O diálogo possível* (2001), Cremilda Medina traz importantes reflexões e adoção de medidas éticas para lidar melhor com as fontes, e como se preparar intelectualmente quando a oportunidade de entrevistar uma pessoa surge. Ela nos esclarece, a partir de sua aproximação com a filosofia de Martin Buber, que existe uma dinâmica fundamental para que o diálogo efetivamente aconteça com a mudança do EU-ISTO para o EU-TU. Ou seja: é mostrada uma visão do entrevistado como pessoa e não como objeto.

A autora ressalta questões que deveriam ser mais discutidas tanto no ambiente acadêmico quanto nas empresas jornalísticas. A crítica feita por ela contribui enormemente para um outro modo de tratar a matéria prima do jornalismo que é a entrevista. "Sentir quem é o outro, como se tivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (...)" (Medina, 1986, pg. 15). O que falta nas pessoas (não só no jornalismo) é o ato de ouvir o outro. Sem julgamentos, sem pressa e sem roteiros. Apenas ter a paciência de dialogar, entender, decifrar.

Já Edvaldo de Lima mostra em *O que é livro reportagem* (1998) como podemos entender os conceitos do gênero “livro reportagem” e ressalta que a abordagem dos temas não é feita de forma superficial como em alguns outros modelos jornalísticos. O que se destaca nos livros-reportagem é justamente o poder de se aprofundar e falar sobre um assunto de forma

contínua e livre, fazendo com que o leitor embarque no entendimento daquele assunto com uma bagagem muito grande de dados e entrevistas, além de observações e análises. É importante citarmos essa obra, pois esse gênero jornalístico possui algo em comum com revista proposta: o aprofundamento em cada pauta e a linguagem mais solta na redação .

1.2 Pesquisas relacionadas aos temas das matérias

O livro *Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil* (2018), da autora Flávia Biroli, faz o leitor repensar a democracia no Brasil focando em entender melhor as desigualdades de gênero, em especial com relação às mulheres. A autora traz perspectivas de formação histórico-social até a lógica de mercado, com ligação à esfera política. Um dos tópicos que a autora demonstra preocupação é a falta de estudo de gênero no Brasil. Ela afirma em sua obra que a sociedade brasileira precisa revestir os olhos com lentes não só sociais, mas também históricas, econômicas e políticas dentro das questões de desigualdade de gênero que ainda assombram a nossa sociedade.

A entrevista com o tema “Perspectiva de gênero no direito: a importância desse olhar dentro da lei”, na revista Cleópatra, trouxe bastante desse olhar discutido fortemente pela autora em sua obra. Flávia Biroli traz críticas pertinentes, principalmente no ramo do Direito. “A distinção entre trabalho remunerado e não remunerado é, assim, um ponto central. O trabalho que as mulheres fornecem sem remuneração, como aquele que está implicado na criação dos filhos e no cotidiano das atividades domésticas, deixa os homens livres para se engajar no trabalho remunerado. São elas apenas que fornecem esse tipo de trabalho gratuitamente, e essa gratuidade se define numa relação: o casamento. É nele que o trabalho gratuito das mulheres pode ser caracterizado como não produtivo. Os produtos que não têm valor quando decorrem do trabalho da mulher em casa passam, no entanto, a ter valor econômico fora de casa, quando atendem às necessidades de outras pessoas que não o marido” (Biroli, Flávia, 2018, pg. 25).

A autora fala como os conceitos de gênero, classe, raça e sexualidade são regidos pela lógica de mercado capitalista, trazendo consigo o fato de que pessoas dentro de recortes e vivências específicas possuem privilégios dentro da sociedade (homens brancos e heterossexuais). Além de tais benefícios garantir que eles possam ter uma participação e controle político maior comparado às minorias, Biroli aponta que mesmo dentro do grupo das mulheres há questões de classe, raça e sexualidade que as segregam dentro do próprio quando assunto é equidade. As entrevistas “Como ter uma carreira de sucesso sem chegar à exaustão?” e “Mulher negra na imprensa: a importância da sua representatividade dentro do jornalismo” procuram levar à leitora a reflexão sobre a diferença de vivências entre mulheres que estão em grupos diferentes umas das outras.

Na primeira entrevista, é abordado como a orientação sexual pode afetar a vida de mulheres lésbicas em busca de independência financeira e na segunda entrevista é explicado o

quanto é importante a representatividade das mulheres negras dentro da mídia. Segundo a autora, muitas mulheres que conseguem se destacar mercado dependem dos serviços de outras mulheres trabalham como babás e empregadas domésticas, para que possam ficar tranquilas em relação aos afazeres de casa. A partir dessa problemática, percebe-se que essas mulheres que conseguem ascender e ter maior participação política são em sua maioria brancas e de classe alta. As mulheres que não participam desse pequeno e seletivo grupo de ascensão são, na maioria das vezes, negras e pobres. “Está presente nas justificativas que romantizam os papéis, como no caso da ideologia maternalista - as mulheres cuidariam mais das crianças porque possuiriam tendências naturais para tal cuidado, não porque os homens são socialmente liberados dessa função. Está presente, também, na subalternização característica das ideologias racistas - as mulheres negras realizariam o trabalho remunerado de limpeza porque essa ocupação estaria de acordo com suas habilidades enquanto mulheres negras. No primeiro caso, serve para justificar assimetrias entre mulheres e homens; no segundo, para justificar assimetrias entre mulheres tanto quanto entre mulheres e homens” (Biroli, Flávia, 2018, pg. 31).

O livro-reportagem *A vida imortal de Henrietta Lacks* (2009), de Rebecca Skloot, se trata de uma biografia. Foi lido como referência sobre racismo. A autora traz temas de extrema relevância, pois também aborda de forma direta o racismo e o machismo como um elemento histórico em nossa sociedade. Ao contar a história de Henrietta, uma mulher negra e com muitos direitos negados (incluindo até o uso das suas próprias células e de seu corpo)¹ pôde-se ter uma ideia de como abordar esses assuntos abraçando o jornalismo literário e a sensibilidade que é tão buscada para tratar desses temas. Na obra contém inúmeros relatos de cientistas e pessoas do poder, que destilavam racismo na época pouco tempo após escravidão (1920, Estados Unidos). "Carrel, porém, não se interessava pela imortalidade das massas. Ele era um eugenista: os transplantes de órgãos e o prolongamento da vida eram meios de preservar o que ele entendia como a raça branca superior, que acreditava estar sendo poluída por linhagens menos inteligentes e inferiores de pobres, ignorantes e pessoas de cor. Ele sonhava com uma vida eterna para aqueles considerados dignos e a morte ou a esterilização forçada para os demais. Mais tarde, elogiaria Hitler pelas “medidas enérgicas” tomadas nessa direção. Grande parte dos americanos brancos adotaram suas ideias, vendo-o como um conselheiro espiritual e gênio." (Skloot, 2010, pg. 52).

No livro, foram construídas cenas que descreveram perfeitamente as falas dos entrevistados(as). Ao relatar algum acontecimento, a autora teve facilidade em construir cenários, fazendo com que a imaginação do(a) leitor(a) entendesse de forma literária o conteúdo

¹ Henrietta Lacks fez parte de um grande avanço na ciência e na medicina. O livro "A vida imortal de Henrietta Lacks" conta a sua história e como ela colaborou para esse avanço de forma que nem ela mesma tinha consciência. Ao ser diagnosticada com câncer cervical, os médicos que realizavam o seu tratamento roubaram suas células sem a sua permissão, e fizeram o uso delas para estudos que foram responsáveis para o tratamento e cura de diversas doenças. Henrietta viveu na pobreza sua vida inteira, vítima de racismo e discriminação em todos os lugares (até mesmo no hospital em que ela era atendida). Seu corpo foi usado de forma indevida, e sua dignidade foi negada a ela desde o seu nascimento.

que absorveu ao realizar as entrevistas. Rebecca Skloot envolve o leitor(a) na história. Ao fazer o uso de registros em primeira pessoa, tem-se a nítida sensação da proximidade, como se a autora tivesse presenciado com profundidade tudo que aconteceu nos fatos contados pelos(as) entrevistados(as). Algo que lembra a linguagem mais direta que também pode ser abordada nas revistas. É contado como foi entrevistar a família, os detalhes do momento desse contato mais íntimo e a dificuldade de conseguir informações delicadas sobre a vida de Henrietta. O olhar de Rebecca Skloot trouxe um material fundamental para quem é jornalista, pois mostra como devemos ser humanos e também ter jogo de cintura ao abordar algo tão sério como esse em uma entrevista.

O livro *Quem tem medo do feminismo negro* (2018), de Djamila Taís Ribeiro dos Santos, foi de grande importância para o estudo sobre a vivência da mulher negra. Pôde-se concluir (com base em diversas referências teóricas utilizadas pela autora da obra), que o feminismo da branquitude não é exatamente o mesmo feminismo presente na vida das mulheres negras. "A situação da mulher negra era radicalmente diferente da situação da mulher branca. Enquanto àquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas. No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força nos anos 1980." (Santos, 2018, pg. 34).

Na obra, há relatos de situações constrangedoras e discriminatórias que a autora passou durante todas as fases de sua vida, e também trechos de diversos livros que ela analisou com o intuito de entender melhor todas as violências e discriminação que lhe foi imposto desde a sua infância. Pode-se considerar a obra como uma referência do feminismo negro brasileiro, pois além de citar grandes estudiosas do assunto, esclarece em uma linguagem fácil e didática as diferenças de tratamento entre negros e brancos na nossa sociedade. "Minha avó materna nascida na década de 1920 teve de começar a trabalhar aos nove anos como empregada doméstica. O Estado brasileiro não garantiu seu direito à educação. Ela contava que a patroa colocava um banquinho para que ela alcançasse a pia para lavar a louça enquanto os filhos estudavam, viajavam, comiam bem." (Santos, 2018, pg. 48)

O livro *Lugar de negro* (1982), de Lélia Gonzalez, foi fundamental para o entendimento da ligação que existe entre o racismo estrutural e o capitalismo em nossa sociedade. A obra traz uma bagagem muito rica de informações, com base em dados e relatos sobre todas as fases iniciais do movimento negro brasileiro (também fala bastante sobre o movimento nos Estados Unidos), e o quanto o período de escravidão contribuiu para que os negros sejam o grupo que mais se encontra presente dentro da periferia, favelas, invasões, e situações de miséria e qualidade baixa de vida.

Ao realizar a leitura desse livro, a pesquisadora teve contato com dados muito importantes para poder teorizar e debater o tema: racismo e desigualdade social. "Transcorridos mais de 90 anos desde a abolição do escravismo, a população negra brasileira continua concentrada nos degraus inferiores da hierarquia social. Em contraste com a população branca,

parte majoritária da população negra localiza-se nas regiões menos desenvolvidas do país” (Gonzalez, 1982, pg. 98).

Foi importante também a visão que o livro trouxe sobre mulheres negras serem obrigadas a terem mais independência (inclusive para sua própria sobrevivência) do que mulheres brancas como cita esse trecho: “Pelo fato de não ser educada para casar com um ‘príncipe encantado’, mas para o trabalho (por razões históricas e sócio-econômicas concretas), a mulher negra não faz o gênero da submissa. Sua prática cotidiana faz dela alguém que tem consciência de que lhe cabe batalhar pelo ‘leite das crianças’ (como ouvimos de uma ‘mulata do sargenteli’), sem contar muito com o companheiro (desemprego, violência policial e outros efeitos do racismo e também do sexismo). De fato, as últimas pesquisas efetuadas mostram que, em matéria de mulher chefe de família, a mulher negra taí para conferir. (É por aí também que dá para sacar uma das razões pelas quais os negros que ‘subiram na vida’ preferem se casar com mulheres brancas; são mais submissas, também por razões historicamente analisáveis) (...)” (Gonzalez, 1982, pg. 36).

A obra *Pequeno Manual antirracista* (2019) de Djamila Ribeiro, é de fácil compreensão e didática para aqueles que estão iniciando agora nas pesquisas e aprendizados sobre racismo. Um livro pequeno, e com a temática semelhante à da obra “Lugar de negro”, Djamila traz exemplos tanto históricos quanto de sua vida pessoal para teorizar toda a situação social e econômica que os negros têm vivido desde o início da história. A autora conta de forma resumida em sua introdução, toda a bagagem que seu manual traz: “O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas”. (Ribeiro, 2019, pg.5)

2. Revista Cleópatra – Defesa do produto

2.1 Por que o nome Cleópatra?

Muitas mulheres poderosas pisaram na Terra. Temos nomes marcantes dentro da arte, cinema, entretenimento, jornalismo, política e em todas as áreas que existem. A inspiração para a revista veio de um trabalho de pesquisa tendo sempre em mente que o foco seria trazer o que toda mulher deve ter: liberdade de escolha, autonomia, respeito e poder (em um nível que seja saudável e coerente). Cleópatra foi uma das mulheres mais importantes e influentes da antiguidade e tem seu nome e referências em toda parte até os dias de hoje.

A quebra de estereótipos em relação ao feminino, era construída por Cleópatra desde a época do seu governo. Ela era uma mulher de personalidade forte, possuía voz ativa e foi rainha do Egito de 51 a.C. a 30 a.C. Teve que se casar a força com o seu irmão Ptolomeu XIII, para que pudesse governar o Egito, pois ela não poderia comandar sozinha. Filha do faraó egípcio Ptolomeu XII, Cleópatra não aceitou a condição de que um homem deveria ter autoridade em um governo que era dela e fazia questão de tomar as próprias decisões, não deixando seu irmão interferir nos seus julgamentos e nas suas ações. Dessa forma, iniciaram uma guerra entre os irmãos. Em 48 a.C., ela fugiu de Alexandria. Ptolomeu XIII morreu afogado em uma batalha.

Pesquisas apontam que ela teve mais de um relacionamento amoroso, chamava atenção daqueles que poderiam se atrair pela sua beleza e poder. Teve um filho com Júlio César, chamado Cesarião e depois teve três filhos com Marco Antônio, chamados Alexandre Hélio, Cleópatra Selene II e Ptolomeu Filadelfo. Seus relacionamentos nunca foram tradicionais e esperados, ela agia conforme o que sentia e conforme a sua necessidade de escolha para o que era melhor para ela. Apesar de muito antiga, essa história e muitas outras que envolvem o seu nome são usadas como inspiração para muitas mulheres nos dias atuais. O arquétipo da Cleópatra ficou conhecido entre influenciadoras, modelos, atrizes, cantoras e outras.

2.2 Arquétipo da Cleópatra

Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica define arquétipos como imagens e temas que surgem de uma consciência compartilhada, ou seja, que todos nós temos em conjunto. Os arquétipos se comportam de maneira instintiva, são ideias pré-concebidas que são perpetuadas de geração em geração, e aparecem espontaneamente em sociedades e culturas distintas. O significado dos arquétipos é universal, sendo passível de interpretação por qualquer pessoa em qualquer cultura. A obra “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” (Ed. Vozes, 2018) afirma que:

“Nenhum arquétipo pode ser resumido a uma simples fórmula. Trata-se de um recipiente que nunca podemos esvaziar, nem encher. Ele existe em si apenas potencialmente e, quando toma forma em alguma matéria, já não é mais o que era antes. Persiste através dos milênios e sempre exige novas interpretações. Os arquétipos são os elementos inabaláveis do inconsciente, mas mudam constantemente de forma.” (JUNG, Carl Gustav, 2018, pg. 181/182)

Arquétipos foram conceituados não só por Jung, mas também por Platão. Para ele, o termo arquétipo servia para descrever que as ideias eram modelos que se originavam do que já existia. Esse conceito teve como origem a sua teoria “mundo das ideias”, abordada em sua obra “A república”. Essa teoria relata que há um mundo onde não existem mudanças, que há ali a matriz das coisas que os seres humanos tratam como a sua realidade.

“Em verdade, Céfalo, eu aprecio conversar com os velhos. Penso que devemos aprender com eles, pois são pessoas que nos antecederam num caminho que também iremos trilhar, para assim conhecermos como é: áspero e árduo ou tranqüilo e cômodo.” (PLATÃO, 1997, pg. 4)

Os arquétipos podem revolucionar uma marca, segundo Cristiane Thiel, consultora de Marketing com mais de 25 anos de experiência em Branding e Estratégia. Em sua obra “Arquétipos no Marketing: Entenda os arquétipos na prática para se posicionar e atrair o cliente ideal”, ela explica que uma marca é sobre o que ela representa. Então, incorporar um perfil arquetípico vai orientar seu desenvolvimento e conectar as pessoas de maneiras sutis, mas poderosas. Os arquétipos de marca simplificam sua estratégia e atraem os clientes certos, por serem poderosos em sua comunicação.

Os arquétipos nos ajudam a entender o que motiva uma pessoa e funcionam da mesma maneira com as marcas. Quando descortinados e aplicados de forma intencional, tais padrões universais de comportamento podem ajudar marcas pessoais e corporativas a permanecerem fiéis à sua missão e promessa de marca. Funcionando como uma espécie de GPS, uma abordagem arquetípica gera lealdade com todos os envolvidos com a marca, incluindo clientes, fornecedores, acionistas e funcionários. (THIEL, 2022, pg 4)

Segundo a autora, Branding é como as pessoas se sentem em relação a sua marca, seus produtos e serviços em um nível essencial. “As marcas são como as pessoas, podemos expressá-las da mesma maneira que nós mesmos e desenvolver insights e abordagens exclusivas para o posicionamento e a estratégia da marca” (Thiel, 2021, pg. 16). Os arquétipos fazem sentido porque nossos cérebros naturalmente organizam as ideias agrupando coisas e entendendo padrões. O reconhecimento de traços comuns em pessoas e marcas nos ajuda a processar e entender uma história. Esses pontos em comum nos levam a sentir emoções específicas.

O arquétipo da Cleópatra tem se tornado muito conhecido, e até mesmo viral nas redes sociais. Figuras públicas como Kim Kardashian, Madonna, Katy Perry (inclusive possui uma música chamada “Dark Horse” onde ela interpreta a rainha fazendo ligação direta com a sua personalidade), Paola Oliveira e Yasmin Brunet já mostraram publicamente referências artísticas ligadas à Cleópatra. Alguns espiritualistas e tarólogos possuem teorias (ainda não comprovadas cientificamente) de que o arquétipo da Cleópatra pode ser acionado de forma espiritual, fazendo com que a pessoa se conecte com aquela figura de tal forma que consiga ter as mesmas características e qualidades, se transformando em uma espécie de espelho.

Algumas outras figuras femininas muito fortes e conhecidas como Lilith, Afrodite e Medusa também estão sendo fonte de inspiração para muitas mulheres que estão em busca do autoconhecimento e melhoria do poder pessoal. Os arquétipos não trazem consigo apenas personagens que existiram na história, mas também a força e personalidade de animais. Segundo a Coach Holística Barbara Moreira, a própria Cleópatra utilizava como arquétipo um animal muito famoso: a cobra. Esse animal muito mal visto pelo cristianismo por ser o símbolo do pecado, também pode ser visto como força e intuição. Na mitologia egípcia a Cleópatra aparece em diversos retratos com uma Cobra em sua cabeça e por vezes nas danças sagradas existe uma Cobra no meio das dançarinas. O Arquétipo da Cobra é citado na Kundalini, as representações são de uma Cobra pontuando o equilíbrio das energias. A palavra vem do sânscrito e significa “enrolada em uma cobra”. Segundo estudos é a energia dos cosmos que está na base da nossa coluna.

O arquétipo da Cleópatra, da forma que se tornou popularmente conhecido na atualidade, é para aquela mulher que busca poder. Em uma sociedade onde foram caladas e rebaixadas de diversas formas, a Cleópatra remete à força de poder falar e fazer o que quiser, além de ser respeitada, desejada e aplaudida (por se tratar de estar em um cargo de rainha). Ela representa a independência, a coragem e a autoconfiança, assim como a habilidade de manipular situações a seu favor. Voltando a falar de marketing, algumas empresas famosas já utilizaram esse arquétipo para revolucionar as suas vendas. Alguns exemplos são: Chanel (criou um desfile de moda inspirado em Cleópatra, em que as modelos desfilaram com maquiagem exuberante e roupas com referências egípcias. A campanha de marketing para o desfile foi chamada de "Cleópatra reinventada", e destacou a beleza, a sofisticação e o poder feminino), Lancôme (a marca francesa de cosméticos Lancôme lançou uma fragrância feminina chamada "Cleópatra",

que foi inspirada na figura da rainha egípcia. A campanha publicitária para o perfume destacava a sensualidade, a beleza e a elegância de Cleópatra, associando essas qualidades ao perfume.) e Netflix (criou uma série de TV chamada "Cleópatra in Space", que é uma animação infantil baseada nos quadrinhos de Mike Maihack. A série retrata uma versão futurística de Cleópatra, que viaja no tempo e no espaço em aventuras emocionantes. A série foi um sucesso entre as crianças e jovens, que se encantaram com a personagem corajosa e determinada). – fonte: Cubos Academy.

MEMORIAL DESCRITIVO

A escolha do produto para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso surgiu durante uma crise existencial. Em um primeiro momento, eu pretendia produzir um livro reportagem sobre a história da sua avó e como a sua vida foi repleta de sofrimento por ser uma mulher negra de classe baixa. Não foi possível concluir o projeto por questões familiares e dificuldade em encontrar todas as informações necessárias, e então em meio a um momento de auto cobrança a respeito da nova temática, foi pensado “por que não falar sobre todas as mulheres?”. Foi sem dúvidas a melhor ideia para que o projeto fosse um sucesso. Definido o formato, parti para a elaboração das pautas.

Reportagem sobre pole dance - Ao entrar naquele estúdio ao qual eu já havia feito uma aula experimental, me senti um pouco ansiosa para realizar a entrevista. Estava querendo dar o meu melhor, logo, um pouco preocupada com a minha performance como jornalista. Eu havia marcado um horário com Jéssica Meneses, dona do estúdio “Cisne Negro” e professora de pole dance acrobático. Quando abri a porta, retirei os meus sapatos (regra da casa para que ninguém leve sujeira para o chão que as meninas produzem diversas coreografias e exercícios) e fui ao encontro da minha entrevistada. Em poucos minutos de conversa, toda a minha ansiedade foi embora. O sentimento de acolhimento foi tão grande, que eu senti que estava conversando com uma grande amiga.

Eu estava entrevistando uma pessoa que transbordava carinho e empatia pelas mulheres, e demonstrava trazer consigo um grande objetivo de vida: estar em contato com o feminino, com a irmandade, com o amor às suas semelhantes. Qualquer sentimento negativo que poderia ter do lado de fora daquele estúdio, me abandonou quando eu entrei. Me senti em um ponto de paz, onde falamos sobre pressão estética, estereótipos aos quais as mulheres infelizmente ainda são incluídas, sobre arte, liberdade de expressão, e sobre viver em um ambiente sem julgamentos. Depois de conversar com a Jéssica, tive o prazer de entrevistar também a sua aluna Andressa Macedo. Uma mulher que vem quebrando diversas barreiras para se amar cada vez

mais, aceitar a sua própria sensualidade e beleza, e libertar de dentro dela a sua melhor versão.

Andressa trouxe um sentimento de amor próprio muito grande para a entrevista, e mostrou que podemos sempre descobrir novos hobbies, paixões, e perceber partes de nós mesmas que antes não percebíamos. Sua terapia era aquele lugar, e isso explica muita coisa sobre o que eu também senti ao permanecer naquele ambiente. Paz, felicidade, acolhimento e conexão entre as mulheres. Depois das entrevistas, eu tive a oportunidade de assistir a aula da professora Cybele Cruvinel. Eu já havia feito uma aula experimental uma vez, porém, nesse momento eu não participei como aluna – e sim como observadora. Enquanto ela ensinava os movimentos e figuras para as mulheres, eu me encantava com a sua paciência, com a forma que ela repete um movimento várias vezes até a aluna entender. Quando uma acerta, todas comemoram. Elas vibram, batem palmas e elogiam umas às outras. Sem dúvidas, estar em contato com esse universo foi gratificante! Falar com Anastasia Sokolova também foi um grande marco para mim, como pessoa e como jornalista. Admiro a atleta desde o ensino médio, e a forma que consegui o contato foi um pouco inusitada: utilizei os stories do instagram para chamar a sua atenção, pois percebi que a pole dancer já havia visualizado uma menção que eu havia feito antes em minha rede social. Minha namorada deu a ideia de eu postar algo relacionado com a revista, e a empresária logo me notou. Respondeu o meu story, foi super simpática e se dedicou a responder as minhas perguntas pouco a pouco durante o tempo livre que conseguia.

Entrevista para o perfil da Patricia Pertence - Patricia é uma grande e antiga amiga minha. Conheço ela desde o ensino médio, e mesmo bem novinha, ela já demonstrava a grande profissional que iria se tornar no futuro. Ela pratica luta desde a infância, e na escola já conhecíamos os seus títulos e algumas de suas premiações. O motivo de a escolher para fazer o perfil, foi não me conformar com o fato de que um grande talento ainda não havia sido homenageado de forma tão detalhada e profunda. A conhecendo como pessoa e também como profissional, sempre tive muita admiração pela sua jornada. Marcamos a entrevista na loja de doces da minha irmã. Patricia Pertence estava tímida no início, quando eu dei a ideia de conversarmos como se estivéssemos apenas batendo um papo, sem toda aquela formalidade de entrevista.

Rimos, falamos sobre a vida, fiz perguntas que renderam muito conteúdo para o seu perfil. Em uma só pergunta, eu tinha várias respostas importantes para que eu pudesse conhecer ainda mais o seu lado profissional. Momentos depois que iniciamos a entrevista, sua namorada apareceu na loja, e juntas fomos fazer um lanche na sanduicheria que tinha ao lado. Nesse momento, tudo parecia ainda mais apenas uma diversão, onde eu pude ser repórter, mas também pude confraternizar um momento bom com uma amiga. Falamos sobre suas viagens, sobre a cirurgia que ela fez no pé, sobre momentos complicados que ela passou com a sua academia de luta, e sobre toda a pressão que ela mesma acaba fazendo em cima de si para que sua

performance seja sempre impecável. Ao comer o seu sanduíche, ela dizia que o seu lado pessoal é diferente do seu lado profissional, e que ela gostaria de ser menos tímida em momentos em que ela não está atuando como professora. Foi uma noite incrível!

Reportagem sobre educação positiva - Falar sobre maternidade é algo de grande responsabilidade. É um assunto sério, pois a nossa criação molda toda a sociedade. Sempre me interessei muito pelo tema “educação positiva”, e trabalhar com ele em meu TCC foi uma honra. As entrevistadas, mulheres que estudaram muito sobre como funciona a mente humana e a forma de lidar com o outro sem o uso de violência, me trouxeram sentimentos muito bons ao longo da entrevista. Falar com a Fabrine Jeremias, me proporcionou várias reflexões profundas sobre o que é amor e respeito. Acompanho a influenciadora nas redes sociais já tem um tempo, e sempre tive interesse em entrevistá-la, e ver de perto a mulher incrível que ela é. Seu filho pequeno, conhecido como Bê, é famoso nas redes sociais. As postagens trazem sempre uma ideia de família, como se cada seguidor pudesse fazer parte.

Foi uma honra também, ter a oportunidade de entrevistar Angélica Cagnan e Helena Costa. Especialistas no assunto “educação positiva”, elas foram atenciosas do início ao fim. Essa matéria me trouxe um pouco de medo, por serem fontes de fora da minha cidade em sua maioria. Porém, me surpreendeu. Não tive problemas, apenas algumas substituições de fontes. Mesmo com as substituições, sou grata por ter entrevistado pessoas que eu admiro muito. Isso fez eu perceber que mesmo que a pauta não saia exatamente como planejamos, ela pode ainda assim sair incrível. A inteligência, didática e respeito da Angélica me encantaram. Seus áudios longos e valiosos me emocionaram, e deram sentido para muitas coisas que eu vejo acontecendo em nossa sociedade atual.

Natália Vianna sempre me chamou atenção, por ser uma grande mãe e excelente psicóloga. A conheci na agência de publicidade onde eu trabalhava, e sempre admirei a relação que ela tem com a sua filha pequena. A entrevista foi um sucesso, conversamos e brincamos bastante durante o nosso papo, faltava apenas a opinião de uma psicóloga para fechar a matéria com chave de ouro. É gratificante poder contar com mulheres incríveis!

Entrevista sobre carreira e exaustão - A psicóloga Angélica Glória já me atendeu. Por motivos financeiros precisei interromper a terapia, mas o seu trabalho me salvou em uma época onde eu precisei muito de apoio. Sua forma de atuar, de pensar e de levar informação (tanto para seus pacientes, quanto para os seus colegas psicólogos) sempre me chamou muito a atenção. Acredito que mulheres lésbicas precisam de mais apoio e pessoas que se dedicam a entender problemas que só elas sabem que passam. E, no caso da revista, eu quis trazer uma temática que envolvesse também mulheres que possuem outras orientações sexuais. A entrevista não teve o enfoque exato em sexualidade, mas falou sobre carreira e trabalho sem deixar de analisar a perspectiva de gênero e orientação sexual. Angélica já havia falado sobre

carreira e exaustão em suas redes sociais, então percebi que seria uma boa pauta que a mesma possui conhecimento sobre. Eu ainda tinha o seu contato salvo, então foi fácil falar com ela. Porém, o seu tempo era curto. Então demoramos um pouco para marcar um momento de conversa.

Entrevista com Janaína de Oliveira – Antes de decidir fazer a Cleópatra, eu me encantei pelo feminismo negro e durante muito tempo quis utiliza-lo como a temática do meu TCC. Porém, alterei toda a minha ideia de projeto. A vontade de abordar questões raciais não mudou, então para mim foi de grande importância ter uma entrevista nesse nível de conhecimento em meu trabalho. A jornalista Janaína é uma mulher incrível e inspiradora, e sempre que a vejo eu sinto de longe um poder imenso vindo dela. Ter alguém com tanta bagagem e instrução para falar de um tema tão sério e necessário, fez eu me sentir incrível. Marquei a entrevista por whatsapp, eu peguei o seu número com um conhecido que temos em comum. Ela foi um amor, conversamos durante a sua pausa e ela respondeu todas as perguntas de maneira muito atenciosa.

Entrevista sobre massagem tântrica – conheci a Camila por meio das redes sociais. Tenho uma doença crônica auto imune, e pesquisando sobre terapias e tratamentos alternativos para doenças psicossomáticas, encontrei a massagem tântrica. Não tive ainda nenhuma experiência com a prática, mas quando vi que tudo em nosso corpo está interligado (emocional, sexual, físico e psicológico) eu notei que não ligamos para nós mesmos em grande parte do nosso tempo, e nem percebemos. Existem diversos cuidados e práticas que podem auxiliar no nosso bem estar, mas que estão escondidos. Achei fundamental levar para a revista um conhecimento sobre algo tão marginalizado e mal visto por muitos ainda. Essa pauta é polêmica, como a *Cleópatra* deve ser. Consegui o contato com a Camila por meio de um colega dela, que atua na mesma clínica. Ela me respondeu instantaneamente, porém, foi demorado para conseguirmos conciliar nossos horários para fazer a entrevista completa. Demorei alguns dias para finalizar. Quando finalizei, tive a sensação de missão cumprida ao ver que até mesmo as minhas próprias dúvidas sobre a prática haviam sido respondidas.

Sobre a metodologia, para a produção da revista foram utilizadas as plataformas Teams, WhatsApp, Instagram, e entrevistas gravadas presencialmente. Dependeu muito da preferência de quem estava sendo entrevistado. As imagens foram liberadas e autorizadas pelas próprias fontes, com exceção de algumas fotos que eu mesma tirei utilizando o meu celular (Xiaomi redmi note 9). Elas foram editadas e diagramadas da forma correta pelo designer e diretor de arte Amine Wahran. Para a escolha das imagens, buscamos levar fotografias *cleans e softs*, que pudessem remeter aos temas de maneira leve e fácil de ser compreendida. Em relação à estética

da revista, o meu diretor de arte cuidou de todos os detalhes conforme a sua bagagem como profissional. Amine nasceu na Argélia. Depois morou na Rússia e na França, e acumulou experiências artísticas vindas de cada local que atuou. Confiei em seu bom gosto, porém estávamos sempre juntos na edição das imagens e diagramação da revista. Cada página feita era encaminhada a mim, para que eu pudesse alterar o que fosse necessário, e alguns detalhes trabalhamos juntos em chamadas de vídeo. Trabalhamos por meio do google drive, onde eu ia alimentando a pasta com novos textos e fotos, e o designer tinha acesso ao link a tinha como destino. As fotos foram pensadas estrategicamente para que pudessem casar com os textos e não alterassem a ideologia por trás do veículo.

O designer aprendeu muito com esse trabalho, pois a força do hábito de editar revistas que tratam de assuntos polêmicos com abordagens clichês, fez com que a escolha de imagens se tornasse um desafio para ele. Fotos que poderiam remeter à sexualização do corpo feminino ou qualquer outro estereótipo que pudesse existir em outras pautas, foram substituídas. Amine utilizou todo o seu conhecimento em publicidade e propaganda para fazer com que as cores e elementos tivessem sentido dentro da revista, e tudo foi trabalhado de forma que não se contradizesse ao que a Cleópatra tem a intenção de propor. As cores foram trabalhadas de acordo com o sentimento que elas transmitem (como por exemplo, a cor azul que transmite calma na reportagem sobre educação positiva).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista trouxe reflexões julgadas necessárias do ponto de vista social. O objetivo da revista foi levar temáticas que o público feminino pudesse se identificar e ter acesso a informações que em outros veículos não são vistas de ângulos diferentes, ou até mesmo nem sequer mencionadas. O produto concluiu a missão de desconstruir padrões, trazer a ideia de acolhimento para quem o consome e despertar o desejo de mudança (seja no individual ou coletivo). A Cleópatra trouxe um novo ideal de revista feminina, onde o foco não está na aparência física dos indivíduos desse gênero, e sim em como eles se sentem perante a eles mesmos e aos outros. Após a realização das entrevistas com especialistas nos assuntos propostos, e, principalmente com mulheres que vivenciam tais situações na pele, considera-se que os objetivos do produto e da sua linha editorial foram alcançados.

REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. Editora Contexto, São Paulo 2006.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**. Editora Boitempo, São Paulo 2018.

GONÇALVES, Annelise Campos. **Viva o matriarcado Pole Dance - Uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do pole dance**. Monografia (Especialização em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. 1982. Editora Marco Zero, Rio de Janeiro, 1982.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. Editora Brasiliense, São Paulo 1998.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista. O diálogo possível**. Editora Ática, São Paulo 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Editora Companhia das letras, São Paulo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Editora Companhia das letras, São Paulo, 2018.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. Editora Contexto, São Paulo 2009.

SKLOOT, Rebecca. **A vida imortal de Henrietta Lacks**. Editora Companhia das letras, São Paulo 2010.

VILAS BOAS, Sergio. **O Estilo Magazine - O Texto em Revista**. Editora Summus, São Paulo 1996.

C. G. JUNG. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Editora Vozes, Cidade, 2018.

APÊNDICE - AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

A aluna, Ingrydi Cristina Batista Marques, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2022, autoriza a reprodução por parte da Universidade da obra feita para o trabalho de conclusão de curso.